

Política.

Destino de três mensaleiros

Esta semana, o Supremo Tribunal Federal deve decidir o destino de mais três mensaleiros: o deputado federal João Paulo Cunha (PT-SP) e os ex-deputados Roberto Jefferson (PTB-RJ) e José Genoíno (PT-SP).

EDITORA:
ELISA RANGEL
erangel@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8332
agazeta.com.br/politica



ESPECIAL EMANCIPAÇÃO

CIDADES EMANCIPADAS MESMO COM CRISE, NÃO HÁ ARREPENDIMENTO

A GAZETA visitou os 4 municípios mais jovens do Estado e mostra o que mudou

▄ VINÍCIUS VALFRÉ
vpereira@redgazeta.com.br

O veto da presidente Dilma Rousseff (PT) ao projeto que permitiria a criação de novos municípios não sepultou a matéria. O Senado Federal ameaça derrubar o veto presidencial em 2014, liberando a emancipação de mais de 180 localidades pelo país. No Estado, mesmo em tempos de incertezas financeiras, 12 regiões almejam a independência das cidades-mãe.

Para vetar o projeto aprovado no Senado, Dilma destacou a preocupação de as receitas dos novos municípios não equivalerem às suas despesas. A circunstância poderia acarretar crises que prejudicariam ambas as cidades envolvidas na separação, uma por arrecadação insuficiente e a outra por queda brusca na receita.

Baseada na discussão que deve retornar à pauta do Congresso em 2014, A GAZETA visitou os quatro municípios mais jovens do Espírito Santo - Sooretama, Brejetuba, São Roque do Canaã e Governador Lindenberg - para fazer diagnósticos das emancipações, realizadas na década de 1990.

Há 15 anos, em maio de 1998, A GAZETA já havia feito uma viagem com o mesmo objetivo, e percorreu seis municípios recém-emancipados à época para entender sua realidade política, econômica e social.

As viagens de agora percorreram cerca de 975 km Estado a dentro e serviram para mostrar que a situação financeira dessas administrações é delicada. De qualquer forma, as cidades abrigam população orgulhosa do rumo que ajudou a definir.

Os prefeitos que não têm problemas com a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) são reféns das intempéries do campo. Curiosamente, porém, entre moradores e lideranças políticas predomina a sensação de que tudo “seria muito pior”, caso as administrações estivessem ligadas às cidades às quais pertenciam.

RESISTÊNCIA

Também comuns entre os munícipes das cidades emancipadas estão as histórias sobre a resistência dos prefeitos das cidades-mãe. Junto com o distrito, elas viram sair debaixo da asa toda a receita produzida pelos então distritos.

Claumir Zamprogno (PSB) é prefeito de Santa Teresa, cidade que “perdeu”, em 1995, o distrito de São Roque do Canaã. Ele conta que viu os cofres públicos esvaziarem um terço na época, a mesma proporção da queda das despesas. Mesmo assim, vê com ressalva a separação: “Minha opinião é que juntos os municípios ficam mais fortes”.

A exceção é o prefeito de

“Se o município tiver renda para caminhar, mesmo com queda de receita estadual e federal, tudo bem”

JOÃO DO CARMO DIAS (PV), PREFEITO DE BREJETUBA

Afonso Cláudio à época da emancipação de Brejetuba, Edélio Francisco Guedes (PMDB). O atual prefeito de Brejetuba, João do Carmo Dias (PV), que também foi o primeiro chefe do Executivo municipal após a emancipação, lembra que Edélio apoiou a divisão.

“Ele disse: ‘se vocês formarem um movimento pela emancipação eu vou ajudar. Assino a emancipação sem problemas’”, conta Dias.

O prefeito diz que a emancipação foi boa para Brejetuba, mas faz um alerta a quem pensa em trilhar o mesmo caminho.

“Depende muito do distrito que quer se emancipar. Se ele tiver renda para caminhar, mesmo com queda de receita estadual e federal, se tiver recurso próprio,

tudo bem. Agora, a queda de receita tem sido grande. Sem recursos próprios, como agricultura ou comércio forte, é melhor não”, cita.

CAMPANHAS

Ao investigar a realidade política e econômica de São Roque, Brejetuba, Governador Lindenberg e Sooretama, inevitavelmente foram apresentados os fatos e personagens curiosos que ajudam a entender a história das cidades e do Espírito Santo.

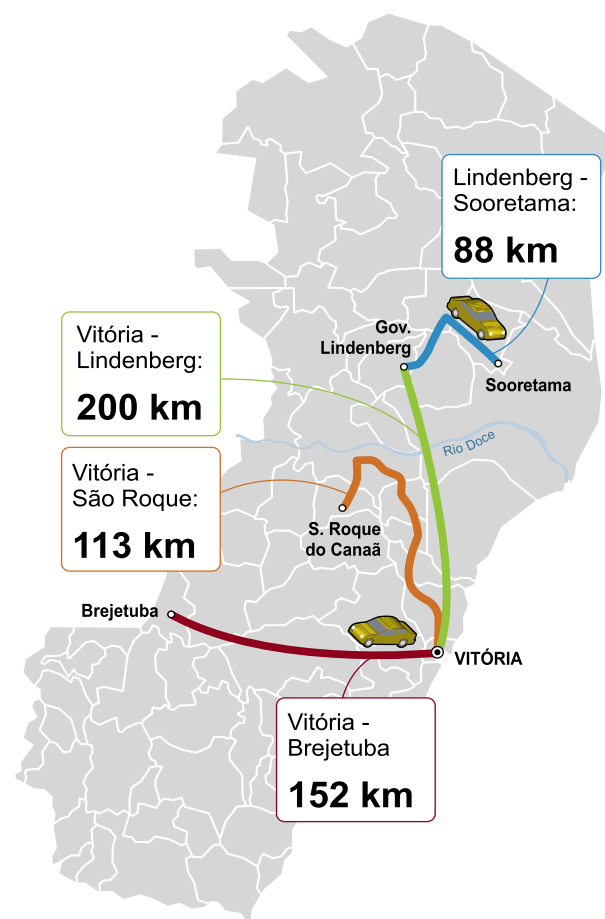
Hoje, João Roza Dias, 58, é dono de uma pequena padaria em Governador Lindenberg, distante 80 km de Colatina, cidade-mãe. Em 1997, percorreu cada casa do então distrito em campanha pela emancipação. João era o terceiro suplente da coligação e, com sorte, foi deputado estadual por 6 meses.

“Trabalhávamos gerando impostos e eles não voltavam para cá. O dia do plebiscito foi um dia lindo”, lembra o João Padaria, como é conhecido. (Com colaboração de Natália Bongiovani e Letícia Gonçalves)

CONTINUA Na edição de amanhã, a realidade de Brejetuba e Sooretama

gazetaonline.com.br
Confira no nosso portal vídeos feitos com moradores e prefeitos das cidades visitadas e conheça mais um pouco dos municípios.

VIAGENS PELO ESTADO



A GAZETA ficou um dia em cada cidade ouvindo histórias de lideranças e moradores.



Também se debruçou sobre as finanças desses municípios.



Foram mais de 975 km por rodovias federais e estaduais, em muitos casos esburacadas e perigosas.



Por elas passam os caminhões que escoam a produção agrícola das regiões.

ESPECIAL EMANCIPAÇÃO

BUSCA POR APOIO ATÉ DURANTE AS MISSAS

São Roque brigou quase uma década para se emancipar

▄ NATÁLIA BONGIOVANI
nbongiovani@redgazeta.com.br

Emancipado em 1995 de Santa Teresa, o município de São Roque do Canaã conseguiu a independência após quase uma década de luta. E não foi fácil, como conta o empresário Antônio Carlos Regattieri, 57 anos, um dos seis membros do chamado grupo de emancipação.

“Nós pegávamos carona na agenda do padre e, no fim das missas, explicávamos para a população como o plebiscito seria votado. Fomos o primeiro município do Estado a votar em uma eletrônica e foi muito difícil explicar para o povo do interior como seria isso. Fizemos até um desenho no isopor”, lembra Toninho, como é conhecido na cidade.

Segundo ele, também foi difícil reunir todos os documentos que a Assembleia Legislativa exigia para a emancipação.

“Precisamos recolher as assinaturas dos eleitores, comprovar a arrecadação do distrito e entregar um requerimento à Assembleia. Depois fomos articular junto ao governo do Estado. A princípio, a relutância da cidade-mãe em abrir mão de São Roque por medo de perder arrecadação também dificultou as coisas”.

Depois de tantas dificuldades, Toninho acha que a emancipação valeu a pena. “A sede de Santa Teresa ficava muito longe, e o município não tinha maquinário e estrutura suficientes para atender aos produtores ru-

— “Nada piorou. Se São Roque não tivesse se emancipado, a saúde nunca teria melhorado”

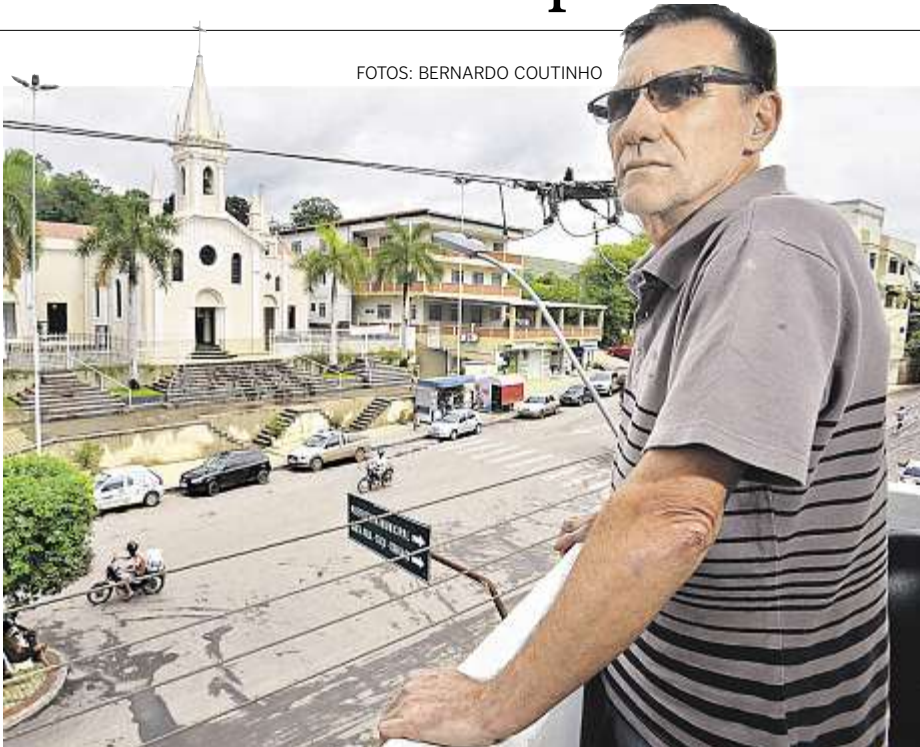
— ZENÓBIO CORONA
EMPRESÁRIO

rais de São Roque. Não tínhamos saneamento básico, médicos, boas estradas. Não estamos arrependidos. São Roque é hoje uma cidade muito confortável para se viver. Se tivéssemos continuado com Santa Teresa, estaríamos estagnados”.

Palmerindo Baratela, 61, foi vereador na primeira legislatura do município e lembra as péssimas condições em que a cidade se encontrava na época. “No primeiro mandato, a Câmara não tinha uma cadeira e nem um lápis. A prefeitura de Santa Teresa deixou para São Roque uma retro velha e uma ambulância caindo aos pedaços”, conta.

Em 2004, Baratela foi eleito vice-prefeito de São Roque na chapa de Ethevaldo Roldi, o primeiro prefeito da cidade. Com a morte dele em 2007, Baratela assumiu o comando da prefeitura. “No meu mandato, consegui o terreno por R\$ 110 mil onde hoje funciona o novo pronto atendimento. Hoje a saúde aqui está bem”.

FOTOS: BERNARDO COUTINHO



Morador de São Roque há mais de 50 anos, Zenóbio é dono do único hotel no local

Arrecadação atual é 14 vezes mais alta

▄ Para o prefeito de São Roque do Canaã, Marcos Guerra (PSDB), os números mostram que a emancipação da cidade valeu a pena. A primeira arrecadação do município, em janeiro de 1997, foi de apenas R\$ 149 mil. Em 2013, ela foi orçada em mais de R\$ 2,1 milhões mensais, valor 14 vezes mais alto.

“Antes da emancipação, Santa Teresa disponibilizava 30 funcionários para prestar serviços aqui. Hoje, nós temos 510 funcionários. Somente estes números mostram o avanço que a gente teve”, afirma o prefeito.

Mas há desafios. “Obra pública nunca acaba. Se o cidadão quer o calçamento da rua, ele briga por ela. Quando consegue, ele briga por outra coisa”.

Sobre os maiores problemas que a cidade enfrenta hoje, Guerra destaca a questão das drogas e a da mobilidade urbana.

“As pessoas acham que as drogas estão só nas grandes cidades, mas elas estão nas pequenas na mesma intensidade. O trânsito também piorou em todos os lugares, mas eu não consigo ver algo que de fato ficou muito ruim após a emancipação”.

Cidade ainda é carente de lazer

▄ Aos 58 anos, o empresário Zenóbio Corona, que se mudou em 1960 para São Roque do Canaã, acredita que nada piorou na cidade após a emancipação.

Ele destaca a melhoria na saúde. “Temos um

pronto-atendimento novo e vem gente de fora para ser atendida aqui”.

Mas ele reclama da falta de lazer. “A prefeitura poderia oferecer uma praça boa, uma pista para caminhada, investir em es-

portes. Não temos campo para jogar bola. As pessoas comentam isso. São Roque também precisa de mais pousadas. O meu hotel é o único da cidade e tem noite em que chega gente, mas não temos vaga”.

Ponte é a principal reclamação



A ponte, que liga o centro a São Roquinho, só tem espaço para um carro por vez

▄ Uma das maiores reclamações dos moradores de São Roque do Canaã diz respeito à ponte que liga o centro da cidade a São Roquinho. O problema é que só há espaço para que um carro passe de cada vez.

Zenóbio Natal Corona, morador de São Roque há 53 anos, afirma que a situação piorou com o tempo.

“A ponte sempre foi assim, mas não tinha muito carro na cidade antes. Ho-

je, o fluxo de veículos é intenso e os motoristas precisam esperar para passar. A prefeitura já tem um projeto para alargar a ponte”, comenta o proprietário do bar, restaurante e hotel Corona.



Marcos Guerra: drogas são desafio na cidade



População: 11.406

Área: 304 km²

Cidade-mãe:
Santa Teresa

Distância de
Vitória: 120 km

Emancipação: 15 de
dezembro de 1995

Economia: cerâmica,
esquadrias e agricultura

ESPECIAL EMANCIPAÇÃO

DIFICULDADE PARA QUEM QUER FUGIR DA LAVOURA

Em Governador Lindenberg, jovens querem opções para se qualificar e sair do campo

▄ VINÍCIUS VALFRÉ
vpereira@redgazeta.com.br

Deividly Milbratz, 18, Alisson Schimith, 19, e Duílio Lubiana, 26, vivem em Governador Lindenberg, no Norte do Estado, e compartilham um problema acentuado com a emancipação de Colatina, em 1998: a economia do município, restrita ao cultivo do café e extração de granito, limita quem não quer viver no campo.

“É difícil para quem não quer trabalhar na área agrícola. Os cursos são só em Colatina”, diz Deividly.

Os jovens se qualificam em mecânica de motos, veículo que correspondia, em 2012, a quase 50% da frota da cidade, segundo o IBGE. A cidade foi a primeira do país a receber a Escola-Móvel do Senai, com cursos profissionalizantes úteis para diversificar a qualificação.

“Moto é o meio de

transporte da área rural e 80% delas são usadas para trabalho”, conta Alisson.

Junto com o crescimento de Lindenberg chegaram problemas de infraestrutura, inclusive engarrafamentos. A principal via da cidade nem avenida é. A Rua São José recebe, ao mesmo tempo, pedestres, tratores, motos e os caminhões que escoam a produção.

O prefeito Paulo Coradini (PDT) diz que um programa de mobilidade é urgente, mas esbarra na falta de receita e a arrecadação tem caído. Em julho de 2010, foi de R\$ 2,6 milhões. No mesmo mês deste ano ficou em R\$ 1,9 milhão. Em 2012, fechou em R\$ 28,8 milhões, dos quais mais de 90% são usados para custeio. Colatina, município-mãe, teve receita de R\$ 233,8 milhões.

“A cidade cresceu de maneira desordenada, sem planejamento, mas as vantagens da emancipa-

ção foram grandes”, contrapõe o prefeito, que trabalha em condições quase insalubres na escola usada como sede do Executivo.

PECULIAR

O distrito de Novo Brasil se emancipou junto com Lindenberg e eles formam o mesmo município, outra dificuldade administrativa. Sempre que um candidato é lançado à prefeitura, o vice é de Novo Brasil. A maneira de a prefeitura se fazer presente foi instalar lá a Secretaria Municipal de Saúde.

“Somos um município dividido. Por um lado é bom e por outro é muito ruim. O custo financeiro é maior. Tem que ter mais unidades de saúde abertas”, conta.

A professora Alessandra Gottardo, 41, foi mesária no plebiscito da emancipação e comemora o resultado. “Só que dependemos de Colatina para tudo”, observa.

“Colatina não fazia nada. Era lixo no meio da rua e só tinha médico duas vezes por semana”

▄ DIVA PRANDO
PRIMEIRO PREFEITO



População: 11.106

Área: 359,9 km²

Cidade-mãe: Colatina

Distância da Vitória: 200 km

Emancipação: 11 de maio de 1998

Economia: café, granito e camarão da malásia

A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

FOTOS: VITOR JUBINI



Duílio, Alisson e Deividly queriam mais alternativas de trabalho na cidade



Jozimar dá aulas de informática no município

Professor: falta tecnologia

▄ Formado em Sistemas de Informação, Jozimar Salvador, 26, dá aulas de informática em Governador Lindenberg. Ele lamenta a falta de tecnologia. “Tem que melhorar em termos de infraestrutura. Ficamos presos, principalmente em tecnologia. Quando éramos distrito ficávamos ainda mais abandonados”.

Prefeito faz cortes, mas vai fechar no vermelho



Coradini cortou a folha de pessoal e cobrou dívidas

▄ Ciente das dificuldades financeiras de Governador Lindenberg, Paulo Coradini (PDT), ao assumir o município, em 2012, tratou de reduzir a folha de pessoal para menos de 54% da arrecadação.

Mas a queda nos repasses do Fundap, principalmente, foi forte. Na comparação de setembro de 2012 com o mesmo mês de 2013, por exemplo, essa

queda foi de R\$ 1,4 milhão para R\$ 594 mil. A orientação foi enxugar o possível e cobrar dívidas atrasadas, como as de IPTU.

“Não conseguiremos cumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal. A folha está em 54,3%. Não tem mais onde cortar, mas tudo que conseguimos foi depois da emancipação”, diz Júnior Salomão, secretário de Finanças.

1º prefeito não quer mais eleição

▄ O empresário Ildevar Prando (PSDB), o Diva, 62, venceu a primeira eleição para a Prefeitura de Governador Lindenberg, em 1998, cidade com então cerca de 8 mil habitantes. Saudosista do início da administração, lembra que precisou levar para a sede do Executivo municipal - uma escola desativada - mesas e cadeiras da própria casa.

Diva não tentou a reeleição e desde que deixou a prefeitura jamais disputou cargo eletivo, embora mantenha força política e seja considerado adversário do atual prefeito, Paulo Coradini (PDT).

“Era como administrar coisa que era da gente. Começamos sem ter cadeira para sentar e Colatina não fazia nada para a gente. Não quis voltar mais. Vem outros e estragam tudo”, diz.

ESPECIAL EMANCIPAÇÃO

PROBLEMAS DE CIDADE GRANDE

Dificuldades são pequenas, mas uso de drogas e engarrafamento já incomodam

/// LETÍCIA GONÇALVES
lgoncalves@redgazeta.com.br

Pequenas e jovens, as cidades emancipadas na década de 1990 no Espírito Santo não escapam de problemas similares aos de municípios maiores, como os da Grande Vitória. Violência, uso de drogas e até congestionamentos fazem parte do dia a dia da população.

O taxista Abel de Oliveira, de 38 anos, mora em Brejetuba “desde sem-

pre”, como ele mesmo diz. A cidade é considerada pacata pelos moradores, mas até mesmo lá a insegurança chega. “É uma cidade tranquila, mas na época da colheita do café vêm pessoas de fora e aí acontecem alguns crimes”, lembra o taxista.

Já o prefeito de São Roque do Canaã, Marcos Guerra (PSDB), aponta o consumo e tráfico de drogas como um dos principais proble-

mas da cidade.

TRÂNSITO

A carência de estrutura faz de Governador Lindenberg uma cidade interiorana que adormece juntamente com o sol. Ainda assim, problemas inerentes a cidades metropolitanas começam a marcar o cotidiano dos lindenbergueses.

A principal via da cidade, por exemplo, registra engarrafamentos. Tornou-se uma pista perigo-

sa, na qual a falta de calçadas obriga pedestres a se arriscarem em meio aos carros e caminhões que escoam a produção de café.

As chuvas também são problema. Quando escassas, comprometem a lavoura. Mas quando generosas, alagam vários pontos da cidade.

“Se até 2030 nenhuma solução definitiva for tomada, as coisas vão ficar muito ruins. A água tem sido um grande proble-



Governador Lindenberg: tranquilidade não é a mesma

Primeiro prefeito morreu em rodeio

/// O primeiro prefeito de São Roque, Ethevaldo Roldi, faleceu durante uma festa de rodeio na cidade, em 2007, quando exercia seu 2º mandato. Ele estava com o microfone em mãos e sofreu um infarto. Grande parte da população de São Roque acompanhava o evento.

Escolas desativadas viraram prefeituras

BERNARDO COUTINHO



Em São Roque, prefeitura e Câmara funcionam juntas

/// Mesmo após 18 anos de emancipação, a Prefeitura e a Câmara de São Roque do Canaã continuam sem sede própria. O Executivo e o Legislativo da cidade dividem o espaço de um prédio construído para o funcionamento de uma escola.

Para se manter no local, a prefeitura paga um aluguel de R\$ 5 mil, enquanto a Câmara, que possui um orçamento mensal de R\$ 90 mil, desembolsa R\$ 1,2 mil por mês.

O presidente da Câmara, Junior Perinni (DEM), o Juninho, afirma que a Casa não tem recursos para uma mudança de sede. “A Câmara merece uma sede não vinculada à prefeitura, mas a situação hoje não nos permite. Nosso

repasso é apertado”.

LINDENBERG

A sede do Executivo municipal de Governador Lindenberg também funciona em prédio improvisado. O local foi uma escola e também unidade de Saúde, mas precisou receber prefeito e secretários.

O prédio é antigo e as condições de trabalho chegam a ser insalubres. Cômodos antes usados para guardar objetos, sem janelas, são usados por servidores.

Vontade de construir uma sede própria há, mas a prefeitura precisa dedicar o orçamento (90% dele é usado para custeio) com outras despesas fundamentais.

Além disso, armários, mesas e cadeiras são improvisados.

Ele pôs a mão na massa pela emancipação

VITOR JUBINI

/// João Roza Dias, o João Padaria, foi um dos que colocaram a mão na massa para separar Governador Lindenberg de Colatina. Ia de casa em casa explicar por que seria importante a emancipação. Ex-vereador e terceiro suplente de deputado estadual, hoje se orgulha do que considera “grande desenvolvimento”.

“Não foi só eu. Foi um grupo. O povo arregaçou



“O povo arregaçou as mangas e fez”, diz João Padaria

as mangas e fez. O pior que uma cidade pode ter é a falta de coragem e de trabalho de seu povo”, diz, entusiasmado.

Hoje, João mantém uma panificadora simples, que emprega 11 amigos e familiares. É ele mesmo quem produz os pães no trabalho de 13 horas por dia. “A gente foi de casa em casa, com as graças de Deus. Nunca esperamos os governantes”, lembra.

Caravanas para pedir apoio na Assembleia

/// Para que um local se torne uma cidade, não basta a vontade de seus moradores. Além de ter habitantes e eleitores em número su-

ficiente e renda própria, por exemplo, é preciso obter a aprovação da Assembleia Legislativa. Pensando nisso, a população do

então distrito de Brejetuba, pertencente a Afonso Cláudio, organizou caravanas ao Palácio Domingos Martins.

“A gente ia daqui para Vitória com dez, doze ônibus cheios de gente, além de carros pequenos, numa caravana, e conseguimos.

Precisávamos da aprovação da Assembleia, e a maioria dos deputados nos apoiou. Tivemos 29 dos 30 deputados ao nosso lado. Isso porque um parlamentar não apareceu no dia para votar”, lembra o prefeito de Brejetuba, João do Carmo Dias (PV).

“Patriarca” de São Roque pede rodoviária

/// Com 82 anos de vida, o empresário do setor de esquadrias Atilio Vago só tem a comemorar com a emancipação da cidade em que nasceu. O “patriarca de São Roque”, como ele se intitula com bom humor, mora em

Vitória há 50 anos, mas passa mais tempo em sua cidade natal do que na Capital.

“Eu sempre apoiei a emancipação e acredito que tudo melhorou na cidade. A saúde é uma das melhores no Estado. Nas



Atilio Vago também pede praça para a cidade

grandes capitais, os pacientes morrem nos corredores. Aqui isso não acontece”, comenta satisfeito.

Mas ele pontua o que precisa ser melhorado na cidade. “Precisamos de uma rodoviária, de um centro de convenções e de uma praça. Poderia também aumentar o efetivo de policiais porque é melhor prevenir do que remediar”, comenta ele.